

Randy Newman

como
evangelizar
sua
família




VIDA NOVA

“Newman deu-nos um livro bem escrito, repleto de sabedoria sobre como realizar uma tarefa muito difícil — testemunhar a nossos próprios familiares. As páginas são claras, inteligentes, honestas, bem-humoradas e convincentes. As histórias de sucessos e fracassos na evangelização no lar são de forte impacto. As sugestões de principais perguntas e as ideias sobre como compartilhar a fé, no final dos capítulos, são excelentes. Creio que Deus usará este livro maravilhoso para levar muitos de seus familiares a Cristo.”

ROBERT PETERSON, professor de Teologia Sistemática, Covenant Theological Seminary

“Bringing the gospel home mantém sua promessa de dar esperança aos cristãos que anseiam por ver os membros de sua família virem a Cristo. Newman constrói sua abordagem sobre uma sólida teologia, oferece bons conselhos e enfatiza suas ideias com histórias ricas que conectam a mente e o coração na arte de trazer pessoas a Jesus. Os métodos deste livro, embora focalizados em ganhar membros da própria família para Jesus, são facilmente transferíveis para compartilhar o evangelho com qualquer pessoa. Recomendo este livro a todos os que desejam aumentar suas habilidades em levar as boas-novas a outros.”

JERRY ROOT, professor adjunto de Evangelismo e Liderança, Wheaton College; coautor *The Sacrament of Evangelism* [O sacramento do evangelismo]

“Ao pastorear em uma cidade que pode ser política a ponto de ser polêmica e diplomática a ponto de ser enganosa, tenho a tendência de perceber as pessoas que abraçam uma abordagem de amor e de verdade. Randy Newman é uma dessas pessoas. E sua habilidade em compartilhar o evangelho é exemplar. Aqui, Newman nos mostra como testemunhar corajosamente e de forma vitoriosa aos membros de nossa família não cristãos. Muitos serão beneficiados com a leitura deste livro.”

JOHN YATES, Reitor, The Falls Church, Falls Church, Virginia

“Newman tem desafiado e encantado o público geral como palestrante de destaque em conferências sobre apologética patrocinadas pela Evangelical Philosophical Society [Sociedade Evangélica de Filosofia]. Sua abordagem ao evangelismo é uma mistura maravilhosa de fé ponderada e de profunda compaixão pelas pessoas. Você será inspirado por suas ideias.”

WILLIAM LANE CRAIG, um dos mais destacados apologistas de nosso tempo, autor de diversos livros publicados por Edições Vida Nova.

“Este é um título assustador. Mas, se você acha que tem uma história para contar sobre família versus fé, ouça a história do próprio Randy e outras que ele juntou aqui. E ouça suas reflexões sábias e esperançosas. Elas irão ajudá-lo a sair da imobilidade em que se encontra.”

C. JOHN SOMMERVILLE, professor emérito de História Inglesa, Universidade da Flórida; autor de *How the News Makes Us Dumb* [Como as notícias da mídia nos tornam bobos]

“Ouvir envolve tanto persuasão — talvez mais — quanto explicação. Newman mostra como podemos engajar nossa família de forma sábia, respeitosa e unicamente com a graça e a verdade que podem transformar vidas pela eternidade. Apresentar nossos amados a Jesus pode ser tão difícil quanto imperativo. *Bringing the gospel home* nos fornece um guia de viagem de fácil utilização.”

ROBERT SCHWARZWALDER, vice-presidente sênior, Family Research Council

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Introdução</i>	11
1. Família: bem-aventurança, porém um fardo	21
2. Graça: surpreendente, porém chocante	47
3. Verdade: libertadora, porém limitadora	71
4. Amor: sempre almejado, porém raramente transmitido	99
5. Humildade: modelada por Deus, porém difícil de encontrar.. ..	125
6. Tempo: libertador, porém passageiro	149
7. Eternidade: confortante, porém aterrorizante.	175
<i>Epílogo</i>	201

AGRADECIMENTOS

Por trás de cada livro há um elenco de personagens que o tornaram possível. Este não é exceção. Primeiramente, sou grato às muitas pessoas que compartilharam comigo suas histórias sobre o testemunho às suas famílias. Muitas choraram. A vulnerabilidade e a compaixão delas por seus familiares me comoveu muito. Minha segunda família, a Olive Tree Congregation [Congregação Oliveira], amorosamente liderada por meus queridos amigos Dan e Cynthia Strull, deu-me um lar quando eu estava longe de casa e orou muito, enquanto eu trabalhava neste livro.

Muitos amigos me encorajaram grandemente enquanto eu escrevia. Agradeço pela força que recebi de Spencer Brand, Patrick Dennis, Mark Petersburg, Lin Johnson, Glenn Oeland, da diretoria do Campus Crusade, em Washington, DC, dos cooperadores de Faculty Commons (grupo de professores cristãos), do grupo de casais da nossa igreja e da George Mason Faculty Fellowship [programa de incentivo aos professores da George Mason University].

Sou grato a Deus por moldar meu pensamento através de três influências importantes: os sermões de Tim Keller, os escritos teológicos de D. A. Carson e quase tudo já escrito sobre ou por C. S. Lewis.

E como eu poderia escrever um livro sobre família sem reconhecer o quanto sou grato pela minha?

Mãe e pai, obrigado por terem bons pensamentos a meu respeito e por me fazerem saber sua opinião de que sou formidável. Vocês estão iludidos, é claro. Mas sou grato a Deus por seu amor por mim.

Barry, Ellen, Brian e Susy, obrigado por valorizarem tanto a família a ponto de se dispor a viajar quantidades ridículas de quilômetros apenas para comerem comida chinesa juntos.

Dan, David e Jon, obrigado por serem uma fonte inesgotável de alegria e de “riso espontâneo prolongado”.

E, Pam, obrigado por ser uma mulher corajosa, a esposa da minha juventude, minha crítica mais séria, minha revisora mais diligente, minha maior líder de torcida e minha companheira de vida mais querida. Sem você, eu não valorizaria a família o suficiente para escrever este livro, não me sentiria confiante o bastante para me expressar nem desfrutaria a família o necessário para desejar que outros façam o mesmo.

INTRODUÇÃO

Quando contei a um amigo que eu estava escrevendo um livro sobre testemunhar para a família, ele me disse que tinha títulos perfeitos para os capítulos:

Capítulo 1: Não faça isso!

Capítulo 2: Não faça isso!

Capítulo 3: Você achou que eu estivesse brincando?

Capítulo 4: Ore para que outra pessoa faça isso

Capítulo 5: Revise os capítulos 1, 2 e 3

Então ele contou várias histórias, em primeira mão, de como *não* testemunhar para a família. E ele tinha mais de onde vieram aquelas. Desde então, muitos outros ofereceram os mesmos tipos de ilustrações. Aparentemente, histórias de horror superaram histórias de sucesso.

Isso não me deteve. Na verdade, impulsionou-me a escrever este livro com um sentimento de urgência. Desde o meu primeiro livro, *Questioning Evangelism* [Questionando o evangelismo], publicado em 2004, Deus me deu muitas oportunidades de falar sobre testemunho. Durante o período aberto para perguntas que segue minhas apresentações, as questões sobre como alcançar a família com o evangelho sempre têm sido as mais frequentes e dolorosas. As pessoas querem saber como podem conquistar seus entes queridos com as boas-novas. Após minhas apresentações, elas vêm me contar, em meio a lágrimas, sobre o pai ateu, ou a mãe amargurada, ou o irmão homossexual, ou a irmã viciada em drogas, ou a filha enganada por uma seita, ou o primo desviado, e por aí vai.

Alguns contam sobre membros da família que já foram firmes na fé. A história é sempre algo como: “Fomos criados em um lar cristão maravilhoso, mas agora meu irmão não quer nem saber de Deus”. Às vezes, o drama se move na direção oposta: “Fui criada no judaísmo (ou no islamismo ou no hinduísmo ou

no budismo) e me converti na faculdade. Meus pais quase me repudiaram”. Às vezes, o repúdio acontece de fato. Uma mulher me contou que o pai dela, um sacerdote hindu, alertou-a: “Se você chegar a pisar em uma igreja de novo, vou me matar”. (Veremos mais a respeito da situação dessa mulher logo adiante.)

Em alguns casos os “pródigos” fugiram de um lar cristão e agora chafurdam na lama (ou nas drogas, ou no sexo ou em qualquer outro estrago que o Diabo encontra para eles). Em outros ambientes aqueles que se tornaram cristãos são considerados os rebeldes! Mas entre um caso e outro, a intensidade de dor é quase igual.

Meu propósito neste livro é oferecer esperança. Considere o fato de que as Escrituras muitas vezes descrevem a obra de Deus na salvação como um milagre. Ele “deu vida” ao que antes estava morto (Ef 2.1-5); “ele nos tirou do domínio das trevas” (Cl 1.13) e explicou que isso “é impossível para os homens, mas para Deus tudo é possível” (Mt 19.26). Quando percebemos que o evangelismo ocorre no campo do sobrenatural, começamos a orar com mais fidelidade, confiamos de todo coração e proclamamos de forma mais amável. Quando abandonamos a confiança em nossa capacidade de persuadir e nos agarramos ao poder de Deus para salvar, encontramos esperança além da explicação.

No processo de pesquisar esse tema, entrevistei dezenas de cristãos com histórias para contar — algumas com final feliz, algumas com outros tipos de final e outras ainda esperando para ver como tudo vai acabar. Neste livro eu compartilho algumas dessas histórias. Todas elas, independentemente da reação de parentes não salvos, trazem consigo lições encorajadoras.

Deixe-me começar contando uma de minhas histórias favoritas. Cresci em uma família judia e vim a crer em Jesus como o Messias quando eu estava no segundo ano na faculdade. Isso significa que tenho uma mãe judia. Todas aquelas piadas sobre mães judias que você já ouviu são verdadeiras... mas não são engraçadas. Contar aos meus pais judeus que agora eu abraçara o cristianismo (que eles consideravam “a fé dos nazistas”) não foi tarefa fácil. Eles responderam educadamente, mas não tenho ideia do que disseram um ao outro depois que desligamos o telefone. (E, por falar nisso, contar aos familiares sobre sua nova fé pessoal-

mente — cara a cara — é muito melhor do que contar pelo telefone. Eu era um covarde.)

Por terem orgulho de se considerarem verdadeiros liberais, meus pais (meu pai ficou em silêncio ao telefone enquanto apenas minha mãe falava) simplesmente me disseram que estavam felizes por mim. Em um tom que só uma mãe judia poderia expressar, “estou feliz” soou mais como “você acabou comigo”. O que se seguiu foram dois pedidos e três desejos que nunca vou esquecer:

Primeiro pedido: Não conte à vovó nem ao vovô. Segundo pedido: Fique longe do seu irmão mais novo. Primeiro desejo: Esperamos que você não se una a nenhuma seita no Colorado. Segundo desejo: Esperamos que você não tente mudar o mundo. Terceiro: Esperamos que você não raspe a cabeça.

Sempre achei graça do fato de agora trabalhar para a Cruzada Estudantil para Cristo, uma organização que se reúne a cada dois verões no Colorado e que foi fundada sob o lema “Venha ajudar a mudar o mundo”. Entretanto, nunca raspei a cabeça.

Minhas primeiras tentativas de testemunhar aos meus pais foram recebidas com uma muralha de resistência. “Estamos felizes por você” sempre esteve inseparavelmente seguido da palavra “mas”: “... mas não fale conosco sobre isso”; “... mas não queremos ouvir sobre isso”; “... mas, por favor, fale sobre outra coisa... *qualquer* outra coisa”. Eu captei a mensagem. Jesus era assunto proibido.

Aquilo não me impediu de enviar livros, panfletos e longas cartas implorando a meus pais para serem fiéis às suas raízes judias e abraçarem o Messias judeu que foi prometido pelos profetas judeus.

Uma vez cheguei a mandar o filme “Jesus”, uma apresentação do Evangelho de Lucas, em hebraico. (Eu já tinha mandado uma cópia do filme em inglês, a que eles não assistiram). Meus pais não falam uma palavra em hebraico, mas de alguma maneira eu achei que eles iriam ficar impressionados por Jesus falar a mesma língua de Moisés. É claro que o fato de o hebraico ter sido dublado no filme não me impediu de enviá-lo. Eles nunca assistiram à versão em hebraico também. Como a versão em inglês, ficou acumulando poeira na prateleira perto da televisão.

Certa vez convidei meus pais para um culto judeu messiânico de sexta-feira à noite. Eles saíram no meio da programação.

Também lhes enviei um exemplar do meu livro favorito para falar aos judeus sobre o evangelho, *Betrayed!* [Traído!], de Stan Telchin. É o testemunho do autor, entrelaçado de forma habilidosa com argumentos bíblicos sobre o messianismo de Jesus. Telchin conta de sua filha indo para a faculdade e encontrando Jesus, o que era uma ofensa à sua sensibilidade judaica e que precisava ser combatida. Ele se sentiu “traído” e começou um projeto de pesquisa de um ano de duração para provar o erro dela. O que encontrou, em vez disso, foi uma evidência irrefutável e irresistível que fez com que ele, sua esposa e sua outra filha se entregassem à fé no Messias. Seu livro tem sido utilizado inúmeras vezes para levar judeus à fé. Certamente, pensei, um livro tão maravilhoso como esse seria a solução garantida que conduziria meus pais ao rebanho. Minha mãe leu o livro, não fez nenhum comentário e depois deu a alguém sobre quem ela disse que “realmente precisava de algo assim”.

Nada funcionou. Por décadas. Todos os “ataques frontais” falharam em causar qualquer tipo de impacto. Para ser honesto, tenho de contar que em certos momentos cheguei a perder a esperança. Parei de orar e provavelmente abriguei alguma amargura contra Deus de que ele não houvesse escolhido os meus pais para estar entre os eleitos.

Até que um dia minha mãe e eu tivemos uma conversa crucial no telefone. Ela contou uma experiência que teve no funeral de um professor do ensino médio da escola que eu havia frequentado. Eu conhecia esse homem. Ele era um ateu sarcástico e amargurado que sofreu por mais de dois anos com um câncer debilitante que corroeu seu corpo. Ouvir os relatos de sua morte gradual foi um processo doloroso. Pior do que os aspectos médicos da história foram os espirituais. Ele nunca se quebrou à medida que a morte se aproximava. Na verdade, seria mais correto dizer que ele cresceu em amargura conforme o fim se aproximava.

Minha mãe, cuja filosofia religiosa no momento poderia ser resumida por “todo mundo vai para o céu”, contou-me de suas tentativas de confortar os filhos adultos que sofriam com a morte do homem.

“Não se preocupem”, ela disse a eles, “pelo menos agora seu pai está em um lugar melhor”.

A resposta deles surpreendeu minha mãe. Tendo abraçado o ceticismo do pai, reviravam os olhos em desdém pela ingenuidade de minha mãe e rudemente se afastaram dela. Ela contou isso, eu acredito, para obter alguma simpatia de mim. Afinal de contas, eu era seu filho “religioso” e certamente daria credibilidade às suas tentativas de direcionar ateus ao sobrenatural.

Eu estava dividido. Sentia gratidão por minha mãe ter pensado na vida após a morte. Mas não podia deixar de pensar sobre numerosas passagens das Escrituras que defendiam exatamente o oposto da posição de minha mãe. Na verdade, eu não acreditava que meu ex-professor estivesse em um lugar melhor. Eu tinha visões de chamas e de vermes e de ranger de dentes. Queria pregar um sermão inteiro, bem ali, ao telefone, sobre o tormento eterno, a ira e o enxofre.

Em vez disso, optei por fazer uma pergunta à minha mãe.

— Mãe, como a senhora sabe disso? Longa pausa.

— Como eu sei o quê? —, respondeu ela.

— Como a senhora sabe que ele está em um lugar melhor? Parece que a senhora sabe disso com uma grande dose de confiança. O que a faz ter tanta certeza?

Devo dizer que a culpa de uma mãe judia pode ser transmitida através do silêncio, mesmo por telefone, tão poderosamente quanto face a face. Eu sabia que minha mãe estava chateada comigo. Mas também sabia que, durante setenta anos, ela vivia presa a uma visão religiosa que precisava ser desafiada. Se não agora, quando?

Finalmente, ela disse:

— Acho que não sei.

Esse foi um avanço. Nada do que eu já tinha dito, enviado, esboçado ou pregado parecia tê-la tocado. Agora era diferente. Ela se moveu de uma segurança confiante na crença de uma mentira para uma dúvida desconfortável que poderia levar à busca e ao questionamento. Eu queria cantar o refrão de “Aleluia”!

O restante de nossa conversa telefônica foi tenso. Em algum ponto eu insinuei:

— Bem, talvez a senhora devesse fazer alguma pesquisa sobre isso.

Em poucos minutos, desligamos. Mas eu me sentia grato pelo fato de algo haver finalmente abalado a confiança ingênua de minha mãe. Talvez, apenas talvez, ela estivesse começando a duvidar da ideia de que qualquer um poderia ir para o céu, independentemente de suas experiências de vida ou posição de fé.

Não conversamos sobre questões de fé por um longo tempo depois daquele telefonema. E então meus pais compraram seu primeiro computador. Eles contrataram o serviço de Internet e aprenderam a me enviar um e-mail... muitos e-mails... a maioria dos quais tinha anexos com música. De repente, um caminho de comunicação abriu-se entre minha mãe e eu que não parecia ameaçador para ela. Ela era capaz de expressar dúvidas e fazer perguntas com menos medo do que antes. Para você ter uma ideia, ela agora tinha 71 anos de idade e haviam se passado mais de 20 anos depois de minha conversão.

Um dia minha mãe me mandou um e-mail que dizia: “Acho que talvez eu tente ler o Novo Testamento”. Eu queria imprimir aquele e-mail e colocá-lo numa moldura. “Bem, eu adoraria ouvir o que a senhora pensa sobre ele”, respondi, tentando conter meu entusiasmo. Durante o próximo ano, nossos e-mails continham interações frequentes sobre Jesus nos Evangelhos. Suas perguntas eram desafiadoras:

“Por que Jesus disse que devíamos odiar pai e mãe?”

“Por que tentaram matar Jesus tantas vezes?”

“Qual a vantagem de dar a outra face?”

Eu resisti a tentação de lhe dar apenas respostas. Descobri que responder suas perguntas com outras perguntas produzia mais resultados. Na verdade, esse estilo de comunicação era bem judia, e também envolvia minha mãe no processo de raciocínio bem melhor do que se eu simplesmente lhe dissesse o que estava pensando. Então, eu clicava o botão “Responder” e digitava perguntas assim:

“Por que a senhora acha que Jesus disse algo tão ofensivo assim?”

“Nas afirmações de Jesus, o que incomodava tanto as pessoas?”

“Quais são algumas possíveis vantagens de dar a outra face? Que alternativa seria melhor?”

Durante meses, nossos “diálogos” forçaram-na a pensar de forma diferente do que ela pensava há sete décadas. Ao longo do caminho, comecei a orar pela salvação dela — de novo. Na verdade, minhas orações se tornaram mais focadas e intencionais. Seria possível que minha mãe judia viesse à fé, de verdade? Deus é tão poderoso assim? Ele é tão bom assim?

O próximo e-mail que minha mãe mandou, digno de uma moldura, dizia:

— Eu acho que estou começando a pensar como você, Randy, que Jesus era o Messias.

Eu rapidamente respondi:

— A senhora diria que ele é o *seu* Messias?

Ela respondeu:

— Ainda não.

Mas um dia, tão inesperadamente como todos os outros passos ao longo do caminho, minha mãe me perguntou se eu já havia ouvido falar de um livro chamado *Betrayed!* [Traído!], escrito por alguém chamado Stan Telchin. (Há vantagens na comunicação via e-mail. Permite que você diga coisas em voz alta como: “Bem, sim, é claro que eu já ouvi falar desse livro. Eu lhe dei uma cópia anos atrás, e a senhora o deu para outra pessoa!”. Então, depois do desabafo, você pode calmamente clicar em “responder” e digitar: “Sim. Eu acho que ouvi falar dele. Por que a senhora pergunta?”).

Mais alguns e-mails explicaram por que ela gostou tanto do livro, como apreciava o fato de tê-lo ganho de um amigo que havia feito uma dedicatória no lado de dentro da capa, que o livro havia ficado em sua prateleira por, pelo menos, cinco anos e que ela gostaria de discuti-lo pelo telefone comigo algum dia. Eu mal podia esperar.

Aquele telefonema tinha todos os sinais de uma intervenção sobrenatural. Os olhos de minha mãe haviam sido abertos. O tempo de Deus não é o meu tempo, seus caminhos não são os meus caminhos, e o melhor de tudo é que seu poder não é o meu poder. Havia uma gentileza na voz de minha mãe que dava indício de uma nova vida. Eu quase caí de joelhos quando a ouvi dizer: “Meu único problema é saber que vou enfrentar a oposição de todos os meus parentes e amigos judeus quando eu lhes contar

que agora sou uma crente em Jesus. Mas acho que Deus vai me ajudar nisso também”. Com a voz embargada, eu disse: “Sim. Tenho certeza de que ele vai”.

Pouco tempo depois, minha mãe foi batizada — por meu irmão, que havia se tornado cristão e estava servindo como pastor na Holanda. (Sim. O irmão de quem meus pais me disseram para ficar longe! Essa é outra história; vou compartilhá-la mais tarde.) Sempre que estou com vontade de chorar, abro no computador a foto de minha mãe sendo batizada por meu irmão.

Alguns pressupostos deste livro

O fato de ver minha mãe judia, de 75 anos de idade, abraçar a fé e de ver que de alguma forma misteriosa Deus me envolveu no processo ensinou-me várias lições. Vi o valor da paciência, o significado da oração, a maravilha da graça e o poder do amor. Vou compartilhar mais alguns achados sobre essas lições, juntamente com muitas outras, ao longo deste livro. Mas permita-me explicar como vejo todo esse processo antes de ir mais longe. Três suposições fundamentais formam minha visão de contar à família terrena sobre o Pai celestial.

Em primeiro lugar, percebo que a maioria dos cristãos não é evangelista. Consequentemente, para eles, a evangelização não é fácil. Um problema muitas vezes surge porque muitas das pessoas que falam e escrevem sobre evangelismo *são* evangelistas. Para elas, o evangelismo *é* fácil. É tão natural quanto respirar. Não conseguem imaginar não testemunhar a alguém e a todos que passam por seu caminho. Elas costumam fazer com que o resto de nós se sinta culpado.

Elas dizem: “Não consigo dormir à noite se não tiver testemunhado a pelo menos uma alma durante o dia”. Quando ouço isso (e descobri que não estou sozinho), costumo pensar: “Eu durmo muito bem!”. Ou elas me contam como *sempre* oram por uma oportunidade de testemunhar assim que se sentam em seus lugares em um avião. Eu oro para que haja um lugar vazio ao meu lado.

Quando nos dizem que o testemunho deve fluir naturalmente, estão nos condenando ao fracasso e à frustração. Para a grande maioria dos cristãos, a evangelização nunca parece natural

e nunca flui facilmente. Como resultado, caímos em várias armadilhas. Ou nós parecemos alguém que não somos, evangelizando com um tom de voz diferente do que usamos em qualquer outro assunto; ou esperamos para “sentir que está tudo certo” ou fácil e, quando isso não acontece, fechamos a boca. Ou nos culpamos por não sermos ousados, inteligentes ou rápidos o suficiente. Assim, contamos às pessoas as “boas-novas”, mas nossas palavras soam mais atormentadas pela culpa do que libertas pela graça.

Esses são apenas problemas potenciais do testemunho a estranhos ou a conhecidos. Testemunhar a membros da família — aqueles que nos conhecem há muito tempo, que nos veem em nossos piores momentos e que são os menos propensos a serem enganados por nossa fachada — parece infinitamente mais assustador. Para ajudá-lo a enfrentar essa tarefa de grande importância, incluo três ingredientes em cada capítulo: insights com base nas Escrituras, histórias de outras pessoas que tenham aprendido algumas lições ao longo do caminho e os passos específicos que você pode dar para trazer o evangelho para o lar.

Em segundo lugar, talvez você esperasse que este livro fosse organizado de forma diferente. Talvez achasse que haveria um capítulo sobre testemunhar aos pais, outro direcionado aos irmãos, outro para os avós em idade avançada, etc. Considerei essa possibilidade, mas encontrei pelo menos dois problemas com tal abordagem. O maior problema é que as questões realmente não se dividem dessa maneira. Há muitas dinâmicas mais abrangentes que transcendem relacionamentos específicos. Quanto mais eu conversava com pessoas que haviam visto entes queridos abraçarem à fé, mais observava temas que se aplicavam igualmente a pais e filhos, irmãos e irmãs, aos envelhecidos e aos imaturos, etc. Parecia mais útil examinar fatores comuns como graça, verdade, amor, humildade, tempo, eternidade e esperança. O debate com essas questões pode ser mais útil do que meras receitas de “como dizer isso”, “não diga aquilo”, “lembre-se de fazer isso”.

Se os capítulos tratassem de relacionamentos específicos, um problema menor, no entanto significativo, poderia surgir. Você poderia ler *apenas* o capítulo que achasse aplicar-se a você e perderia as perspectivas compartilhadas em outros trechos. Pior

ainda, você poderia simplesmente pegar este livro em uma livraria, apenas passar os olhos pelo “seu” capítulo e, horror dos horrores, não comprar o livro! Isso simplesmente não pode acontecer.

Em terceiro lugar, é importante lembrar que este livro trata muito mais sobre Deus e o evangelho do que sobre você e sua família. Eu enfrento assuntos de mais peso do que meras dinâmicas relacionais nestas páginas. Todos os capítulos contêm alguma reflexão teológica para embasar a instrução prática sobre evangelismo. Por favor, seja paciente. Talvez você seja tentado a pular as partes teológicas. Mas descobri que uma compreensão mais rica da verdade bíblica é capaz de nos dar um fundamento mais firme para testemunho corajoso e comunicação clara. Além disso, muitas pessoas rejeitam o evangelho hoje porque acham que os cristãos são pessoas simplórias, sem profundidade. Em muitos casos, sua crítica é legítima. Deixemos de dar-lhes munição para essa acusação e, em vez disso, aprofundemo-nos nas Escrituras e pensemos biblicamente sobre tudo na vida.

Os primeiros capítulos, em especial, concentram-se mais em sua compreensão do evangelho do que no compartilhamento das boas-novas. Seria o cúmulo da ironia falar sobre compartilhar a mensagem da oferta graciosa da salvação de Deus, mas direcionar os holofotes sobre você. Minha esperança é evitar uma armadilha comum quando ensinamos sobre evangelismo —, ou seja, deixá-lo obcecado com a forma como *você* está se desenvolvendo, o que *você* deve dizer, do que *você* deve se lembrar, o que *você* precisa sentir, dizer e fazer, e quando *você* precisa ser mais ousado, mais esperto, mais rápido e mais santo.

Em vez disso, minha esperança é que a graça o surpreenda mais do que nunca. Minha oração é que o amor de Deus transborde em suas conversas, que a gratidão inspire suas orações, que a alegria transforme o seu tom de voz e, como o profeta Miqueias, que você louve a Deus e diga: “Quem é Deus semelhante a ti, que perdoas a maldade e te esqueces da transgressão do remanescente da tua herança? O SENHOR não retém a sua ira para sempre, porque ele tem prazer na misericórdia” (Mq 7.18).

FAMÍLIA

Bem-aventurança, porém um fardo

Paulette voltou para casa para as férias de Natal de seu primeiro ano de faculdade armada com panfletos evangelísticos suficientes para cada um de seus irmãos.¹ Suas duas irmãs e seu irmão iriam ouvir sobre o evangelho, quer quisessem, quer não. Afinal, esse método de compartilhar o evangelho na forma de um livreto conciso havia dado certo com ela.

Ela havia sido criada em uma família cristã nominal que frequentava a igreja de vez em quando (e que, por sinal, era um tanto liberal) e tinha ido para a faculdade sem nenhum interesse em Deus ou em religião. Mas um evangelista do campus chamou sua atenção e começou a convencê-la. Ouvindo sua lógica, as evidências intelectualmente respeitáveis da ressurreição de Jesus, Paulette achou que ele estivesse proclamando uma “nova religião”. Pelo menos, era nova para ela.

Esse evangelista não era nenhum pregador fanático berrando pelas esquinas. Ele falou de forma calma e razoável a uma plateia lotada no auditório central dos estudantes da universidade e distribuiu formulários para as pessoas indicarem o interesse em uma discussão mais aprofundada. Paulette não conseguia acreditar em seus olhos, ao ver sua mão escrevendo seu nome e endereço no cartão e assinalando a opção “mais informação”. Menos de uma semana mais tarde, duas moças passaram em seu quarto e apresentaram as boas-novas, fazendo algo que qualquer um poderia fazer: leram um livreto e perguntaram a Paulette se ela gostaria de fazer a oração da última página.

¹Salvo indicação em contrário, foram mudados os nomes das pessoas nas ilustrações e, na maioria dos casos, foram alterados detalhes suficientes de suas histórias para proteger seu anonimato.

“Por que parece mais fácil compartilhar o evangelho com estranhos do que com sua família?”

Muitos cristãos “apanham” quando o assunto é evangelismo. Muitas vezes não sabem agir com naturalidade ou sentem-se derrotados por não ter coragem de evangelizar, sobretudo os parentes e as pessoas mais próximas.

Randy Newman oferece um raio de esperança para quem se sente assim. Mas não é o que você está pensando! Aqui não encontrará fórmulas prontas para evangelizar, nem leis espirituais para memorizar. “Quando abandonamos a confiança em nossa capacidade de persuadir e nos agarramos ao poder de Deus para salvar, encontramos esperança além da explicação.”

Neste livro a reflexão teológica se mescla à prática. Em cada capítulo o leitor descobrirá:

- preciosos *insights* extraídos das Escrituras
- histórias de pessoas que foram surpreendidas com a graça de Deus
- passos concretos que o ajudarão a trazer o evangelho para sua família

O autor conhece bem as complexidades e consequências dessa tarefa tão importante. Como judeu messiânico, Randy Newman já levou muitos membros de sua família a Cristo.

